

A importância da leitura nas séries iniciais do ensino fundamental

The importance of reading in the initial series of fundamental education

Marinéa Figueira Rodrigues^{†*}, Sheila Alves Diniz Ferreira[‡]

Resumo

O presente estudo objetivou investigar a importância da leitura nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, ressaltando a relevância dessa temática como condição essencial para a formação de leitores proficientes. A partir de um breve relato sobre a gênese da Leitura e sua evolução, elaborou-se uma análise minuciosa sobre sua origem desde a Antiguidade até a ampliação de seu conceito no mundo contemporâneo. Dentro deste contexto, destacam-se também a relevância da leitura no contexto escolar, o trabalho com a leitura nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, o papel da escola na formação de leitores críticos e a formação do aluno leitor.

Palavras-chave: Criança; Educação; Ensino Fundamental; Leitura.

Como citar esse artigo. Correio MFR. A Importância da Leitura nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Revista Mosaico. 2016 Jul./Dez.; 07 (2): 26-33

Abstract

The present study aimed to investigate the importance of reading in the Early Years of Elementary School, highlighting the relevance of this subject as an essential condition for the training of proficient readers. From a brief account of the genesis of Reading and its evolution, a detailed analysis was elaborated on its origin from Antiquity to the extension of its concept in the contemporary world. Within this context, the relevance of reading in the school context, work with reading in the elementary school years, the role of the school in the formation of critical readers and the formation of the reading student are also highlighted.

Keywords: Child; Education; Elementary School; Reading.

Introdução

A presente pesquisa tem como tema central a importância da leitura nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental I, como também, o papel da escola como ambiente acolhedor, dinâmico e de espaço apropriado para a formação de leitores críticos. O hábito de ler deve ser estimulado desde a infância, para que o indivíduo aprenda desde pequeno que ler é algo importante e gratificante.

A necessidade de muita leitura está posto entre todos, haja vista, que propicia a obtenção de informação em relação a qualquer contexto e área do conhecimento, assim como, pode constituir-se em fonte de entretenimento.

Precisamos reconhecer se de fato temos conseguido, através de nossas práticas docentes, aproximar os leitores dos diferentes gêneros textuais a ponto de torná-los familiares. E refletir sobre o modo como a escola e seus professores têm letrados seus

alunos percebendo as possibilidades de transformação que um bom trabalho pedagógico pode trazer para o processo de aprender a ler.

A escola, ao formar leitores, capacita-os ao exercício cada vez mais pleno da cidadania, pois ela instrui, educa, nutre a imaginação, ensina a olhar o mundo e as pessoas de maneira diferenciada, instrumentaliza a visão crítica e permite que o sujeito construa sua história e perceba-se como integrante social.

Utilizamos a metodologia de pesquisa bibliográfica dissertativa, pois recorreremos ao uso de fontes impressas como: livros, artigos e publicações avulsas. Este estudo foi desenvolvido a partir do referencial teórico de renomados autores no assunto, como: Aguiar (2007), Barbosa (2008), Cavallo e Chartier (1998), Foucambert (1994), Lajolo (2002), Zilberman (1982) entre outros.

Leitura: aspectos históricos e contemporâneos

A leitura é algo crucial para a aprendizagem do

Afiliação dos autores: [†] Mestre em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente pelo Centro Universitário Plínio Leite e Coordenadora do Curso de Pedagogia, Professora Assistente da Universidade Severino Sombra -Vassouras/RJ. [‡] Graduada em Pedagogia pela Universidade Severino Sombra -Vassouras/RJ, Professora do CIEP 391 Robson Mendonça Lou, Maricá, RJ.

*Endereço para correspondência: Universidade Severino Sombra, Av. Exped. Oswaldo de Almeida Ramos, 280 - Centro - Vassouras, RJ - CEP 27700-000.
email: marinea.rodrigues@hotmail.com

Recebido em: 20/09/2016 Aceito em: 09/12/2016.

ser humano, pois é através dela que podemos enriquecer nosso vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação.

Por meio da leitura, o indivíduo é levado a diferentes lugares e tempos, a fantasia, a emoções e tem a possibilidade de ampliar seu repertório literário. Contribuí, também, de forma decisiva para a autonomia das pessoas.

A capacidade de desfrutar a leitura é uma característica intrínseca do bom leitor. E sobre isso se destaca:

A leitura aciona uma cadeia humana em direção à imaginação. [...] Lendo me ligo a todos aqueles que vieram antes de mim e projetaram o tempo em que vivo, no que ele tem de resistência à dor, à violência e a injustiça. Isso porque, se o dia a dia ensina a viver o que tenho pela frente, o livro literário desenha para mim outras realidades, possíveis de acontecer e, portanto, verdadeiras (AGUIAR, 2007, p. 34).

A leitura nos conecta a tempos passados e nos projeta ao futuro. Lendo desvendamos mistérios, conhecemos culturas antigas, “viajamos” em diferentes lugares e resgatamos histórias.

Segundo Foucault (1994), ler não é apenas passar os olhos por algo escrito; não é fazer a versão oral de um escrito; ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se tem.

Aspectos Históricos da Antiguidade aos dias Atuais

A abordagem da importância da leitura e sua prática nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental são de grande valor, pois a leitura é o instrumento de inserção social e de descoberta do mundo.

Ao buscarmos a inserção da leitura no mundo, nos registros históricos, percebemos que houve um avanço significativo de desenvolvimento da mesma.

Segundo Barbosa (2008), na Idade Antiga, o leitor era visto apenas como um ouvinte, tendo em vista a precária divulgação e publicação das obras escritas. O conhecimento era transmitido através da oralidade, muito embora na Grécia e em Roma boa parte da população soubesse ler. É notória, nesta época, a ênfase dada à arte da oratória e da dialética entre o mestre e o aprendiz.

Os *volumens*¹ são contemplados como os mais antigos textos da humanidade, ou seja, a forma mais antiga de preservação do pensamento.

Sobre os *volumens*, Barbosa (2008) afirma que os manuscritos eram de difícil compreensão, pois não possuíam espaços em branco entre as palavras e ortografia normatizada. A leitura era feita oralmente a fim de que o leitor compreendesse o significado da

escrita. A transição da leitura oral para a silenciosa ocorreu de forma bem lenta. Primeiro, porque não era fácil decodificar as palavras devido à complexidade da escrita. A partir da Idade Média, o *volumen* foi ultrapassado, nascendo à primeira forma de livro portátil, o *códice* - composto por folhas de pergaminhos dobradas, formando cadernos unidos.

Com as invasões bárbaras, a escrita desaparece como também os grandes centros de formação e concentração da cultura antiga. A cultura letrada perde seu lugar, permanecendo restrita ao universo eclesiástico, e uma cultura espiritual surge em supressão à cultura profana (BARBOSA, 2008).

Barbosa (2008, p.98) afirma que:

O livro nos séculos compreendidos entre o fim da Antiguidade e alta Idade Média, e com ele a escrita, sofre um processo de transformação que o faz passar de instrumento de transmissão de cultura, como acontecia na Idade Clássica, para símbolo sagrado, que o povo pode venerar, mas não entender.

Segundo Barbosa (2008), os livros eram bem diferentes do que conhecemos hoje, e o leitor não apenas se prendia ao texto, mas a parte estética do mesmo. Nesse período, o livro era considerado um objeto de arte. Só depois do leitor se deslumbrar com a estética do livro se voltava para o texto.

Durante o Período Medieval, a leitura estava mais voltada à religiosidade. O acesso aos livros restringia-se à elite eclesiástica. Só aprendia a ler quem fosse seguir a vocação religiosa. O leitor da antiguidade nada mais era que um ouvinte, pois todo o conhecimento transmitia-se oralmente (BARBOSA, 2008).

Assim como na Antiguidade, na Idade Média também se concebia a leitura e a escrita como um ato realizado em voz alta, através da vocalização da escrita. Era inevitável ler sem apelar para o som da escrita. Mas, é também nos mosteiros, nessa época, que surge um novo tipo de leitura: a silenciosa, onde o sentido do texto é produzido sem intermédio do som. Concepção essa quase impossível para época, pois os manuscritos apresentavam poucos recursos visuais o que dificultava o entendimento do leitor (escrevia-se conforme se falava), não existia pontuação e a letra gótica era de difícil decifração.

O aparecimento dessa nova modalidade visual, silenciosa, foi uma conquista gradativa, marcada por três períodos decisivos: o abandono da leitura oralizada e a adoção da leitura em silêncio adentram os séculos IX e XI, nos mosteiros medievais; no século XIII, o novo modelo de leitura estende-se ao mundo universitário, e na metade do século XIV conquista a aristocracia laica (CHARTIER², 1985 apud BARBOSA, 2008).

Corroborando tais ideias, Cavallo e Chartier (1998) argumentam que na Alta Idade Média, entre os séculos V ao X, diferindo do Mundo Antigo, a leitura

perde seu caráter de entretenimento, em detrimento de uma prática de leitura concentrada no interior das Igrejas, das celas, dos refeitórios, dos claustros, das escolas religiosas e, algumas vezes, das Cortes. Essas leituras, geralmente se limitavam às Sagradas Escrituras e a textos de edificação espiritual.

Com o surgimento da Idade Moderna, a Igreja perde a supremacia sobre a Educação, pois o ensino vai se tornando cada vez mais laico, com a progressiva implantação de escolas públicas. A nova clientela exigia um ensino que fosse mais pragmático, que abarcasse rudimentos de leitura, escrita e aritmética, e a Igreja não tinha estrutura para atender às novas necessidades de instrução (BARBOSA, 2008).

Com o avanço das atividades econômicas entre os séculos XI a XV, surge a imprensa, criada por Gutenberg, facilitando a vida dos copistas e melhorando a produção dos livros; agora, com novas roupagens, como paginação, sumários e abreviaturas.

Gutenberg foi o ponto de partida para que ritos encenados por um intermediário da palavra sacra fossem substituídos pelo ritual da letra impressa: Lutero torna obrigatório o que Gutenberg tinha possibilitado, suscitando maior interesse pela leitura ao difundir que todos deveriam ter acesso à palavra de Deus diretamente, por meio da página impressa (BARBOSA, 2008, p. 103).

Lutero teve, em suas mãos, um poderoso recurso permitindo assim que a sua doutrina superasse obstáculos espaciais, haja vista, que as mensagens luteranas atravessaram a Alemanha e, em pouco tempo, se propagaram por outros países da Europa. O livro impresso, transformou-se num poderoso meio de propagação da voz e, o único requisito era que as pessoas tivessem domínio sobre esse novo veículo propagador da fé: a palavra escrita, a leitura.

Até o final do século XVI, a relação do leitor com o livro se limitava a livros sacros – principalmente a Bíblia. A partir do século XVII o mercado sofre a invasão de grande quantidade de obras profanas – almanaques, calendários, contos populares e amorosos, o que agradava em muito a população mais pobre das cidades. Neste segmento, não tem como deixar de citar Barbosa (2008, p. 104), que diz:

Dois tipos de leitores, representantes de duas concepções de leitura, parecem conviver nessa sociedade em mudança; gravuras e pinturas da época captaram momentos expressivos dos dois comportamentos. [...] O primeiro deles, resistência da tradução oral, faz do livro e da leitura elementos de coesão familiar, em reuniões em que são compartilhadas mensagens sacras e edificantes; é uma leitura oral e coletiva, que interpõe, entre o texto e o significado, a voz velada da escrita. O outro comportamento, mais eficaz e privilegiado, faz do leitor um personagem solitário e silencioso, tratando a escrita como uma linguagem para os olhos.

Baseado na citação acima, Chartier (1994)

argumenta que a relevante história da leitura fornece-nos elementos essenciais, uma vez que a sua cronologia organiza-se a partir da identificação de duas mutações importantes, a saber: primeiramente, enfatiza uma transformação da modalidade física, corporal do ato de leitura, insistindo na passagem de uma leitura oralizada, indispensável ao leitor para a compreensão do sentido, a uma leitura possivelmente silenciosa e visual. Tal transformação diz respeito à longa Idade Média, uma vez que a leitura silenciosa, até então era restrita aos *scriptoria* monásticos entre os séculos VII e XI, desponta nas escolas e universidades no século XII e, somente, às aristocracias leigas, dois séculos mais tarde.

Corroborando tais ideias, Zilberman (1982) destaca que a revolução cultural se intensificou com o surgimento da imprensa e o aumento considerável de sistemas escolares para a maior parte da população. Durante este período, surge a “leituromania”, graças à ação da escola, o que causou preocupação por grande parte dos pedagogos, pois os mesmos temiam o perigo da leitura em excesso.

Zilberman (2009, p. 24), acrescenta que “os pensadores e educadores do final do século XVIII e começo do século XX denunciavam o que chamam de ‘leituromania’, de que decorreram Campanhas de esclarecimento e alerta contra os perigos da leitura em excesso.” A popularização da leitura, fez surgir uma literatura “pragmática e objetiva” direcionando-a para as obras de caráter informativo ou evangélico, que conduzissem à meditação ou à aprendizagem, com o intuito de combater os devaneios e a fantasia, de forma a controlar os riscos da leitura, apontados pelos pedagogos da época.

Sobre esse assunto, Lajolo (1984) argumenta que a leitura se compara a tecelagem, uma vez, que ambas possuem um processo histórico muito parecido. Com a invenção da imprensa, a indústria de livros passa por um processo de modernização, comparável ao modelo das fábricas têxteis, onde há a massificação dos modos de produção, portanto massifica-se a leitura, ocasionando o risco de alienação e esgarçamento do texto e do ato de ler.

A autora demonstra ainda que, durante a passagem do século XVIII para o XIX, procurou-se barrar o consumo de obras literárias, principalmente as destinadas às mulheres, consideradas, por alguns educadores, incapazes de discernir entre o que é adequado e o que é inadequado nos livros.

No século XVIII desponta a ideia do leitor sentimental, cuja moda é ler chorando. E a preocupação dos autores nesse período era escrever livros que mexam com a parte sentimental do leitor, pois a obra passa a ser valorizada pelas quantidades de lágrimas derramadas (BARBOSA, 2008).

De acordo com Zilberman (2009), a escola na antiguidade era elitista, mesmo entre os gregos e

romanos a quem competiu à separação entre a escola e a religião. Grande parte da população, ligada diretamente às atividades rurais, estava afastada dos centros urbanos e governamentais. Os povos cristãos da Idade Média ficaram à margem da escrita, da escola e da leitura até o começo da modernidade, quando a invenção da tipografia começou a modificar as regras do jogo.

Foucambert (1994) pontua que o avanço industrial no período do século XIX, sentiu a necessidade de uma escola acolhedora e dinâmica, que qualificasse a mão de obra, que ainda se encontrava em condições precárias, ressurgiu, então, uma escola inovadora, paga pelo Estado, com a incumbência de capacitar esses novos trabalhadores para um mercado amplo de trabalho.

Maria (2002) afirma que com a revolução tecnológica do século XX, imerge a necessidade de profissionais altamente qualificados. A sofisticação das máquinas exige a ascensão de um novo homem, que não apenas decodifica as palavras, mas as compreende. Para interagir com a máquina é necessário agilidade mental e clareza de informações, a fim de atender a demanda deste novo tempo, sendo necessário, portanto, uma melhor formação para todos que atuarão nessa nova sociedade.

Nesse sentido, a tradição oral tornou-se insuficiente, pois:

Era muito mais importante saber escrever para lembrar-se do que saber ler para descobrir. O mundo industrial, por sua vez, precisará de trabalhadores e cidadãos capazes de obter informação em textos de que estes não são autores. Essa será a função da escola (FOUCAMBERT, 1994, p. 107).

Com a demanda de progresso e modernidade, intensifica-se a necessidade da ascensão de uma escola que não apenas transmita informação, mas que assuma a posição de formar discentes aptos a construir conhecimentos, sendo capazes de ler até o que está implícito em um texto.

Portanto, a leitura tornou-se obrigação na escola, para tentar amenizar desigualdades sociais e culturais existentes na sociedade. Desigualdades estas, que tem como mola propulsora um código oficial - a escrita. A sociedade moderna valoriza o consumismo, transformando a leitura em desejo e acesso deste consumo, esquecendo-se que ler é essencial para quem gosta, mas a aquisição de livros para manter o status não é importante (LAJOLO, 1984).

Hoje se lê o que realmente interessa: pequenos fragmentos de um texto, algumas manchetes de jornais, receita culinária etc.; é a designada leitura seletiva. O leitor moderno é caracterizado pela flexibilidade no ato de ler.

Nesse segmento, o PCN de Língua Portuguesa (1997, p. 41) relata:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que

compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos.

Um leitor competente é aquele que consegue ler o texto e o seu contexto, compreendendo diversas culturas, buscando informações implícitas e utilizando-as em sua vida secular. Essa é a função primordial da escola, formar leitores competentes e críticos com capacidade de compreender as palavras.

A relevância da leitura na sociedade moderna mede-se pela função que vem a exercer, como propiciadora do fortalecimento de um contingente de consumidores necessários ao mercado da indústria do livro e da cultura, e pelo papel que vem a desempenhar na educação. Pois a leitura é um processo que se estende da infância à maturidade de um estudante; é um processo contínuo (ZILBERMAN, 2009).

Leitura e Contexto Escolar

Vivemos em um mundo totalmente globalizado, marcado pelos avanços tecnológicos e pelos meios de comunicação, no qual as crianças têm um grande acesso ao conhecimento que é proporcionado a elas pelos diferentes canais transmissores. Estando a escola inserida neste contexto, cabe a mesma proporcionar um ensino mais dinâmico, tornando a leitura uma atividade atrativa, prazerosa, estimulante e significativa aos alunos. Para que isso se efetue é necessário que a mesma ofereça materiais diversificados de leitura, oportunizando-os a descobrirem aquilo que mais lhe agrada para que se tornem fluentes leitores (ROJO, 2002).

Yunes (1995, p. 188) explicita que: “Ler é, pois, interrogar as palavras, duvidar delas, ampliá-las. Deste contato, desta troca, nasce o prazer de conhecer, de imaginar, de inventar a vida”. O mundo é representação da linguagem e não há nada que fuja das palavras e suas formas de discursos.

Já Dwyer e Dwyer (2001) argumentam que ler por prazer é uma atividade extraordinária. E quanto mais excitante for o livro, mas silencioso será o leitor. Quando lhe é permitido decidir a leitura e se deslumbrar com ela o mundo imaginário torna-se real. Criam-se mundos, viaja-se no tempo, deslumbram-se com a beleza do imaginário, leitores tornam-se mais poderosos.

É muito importante que a escola contribua para a preparação de alunos capazes de participar como sujeitos do processo de desenvolvimento da aprendizagem:

[...] entendemos que o ensino de leitura deve ir além do ato monótono que é aplicado em muitas escolas, de forma mecânica e muitas vezes descontextualizados, mas um processo que deve contribuir para a formação

de pessoas críticas e conscientes, capazes de interpretar a realidade, bem como participar ativamente da sociedade (OLIVEIRA e QUEIROZ, 2009, p. 2).

O trabalho com a leitura precisa ser visto, principalmente, com alunos dos anos iniciais, as quais estão construindo o gosto pelo ato de ler, pois as competências desenvolvidas nesta etapa são importantes para que futuramente o leitor atinja níveis mais profundos num constante processo de inferenciação.

Para Colomer (2007), estímulo, intervenção, mediação, familiarização ou animação são termos muito utilizados no contexto escolar. São constantemente utilizados por adultos que tem a responsabilidade de apresentar os livros às crianças.

A leitura no contexto escolar tem levantado muita preocupação, pois o objetivo de formar leitores não tem obtido o êxito esperado. E diversos fatores têm contribuído para a preocupante realidade. A incidência de analfabetismo e analfabetos funcionais, sem falar no descaso da sociedade, que não vê de maneira tão clara que seja necessário certo tipo de alfabetização. Ribeiro (2003, p.10) afirma que a escola, nem sempre, forma usuários competentes da escrita, mas muitas vezes, “analfabetos funcionais”, definidos como “aqueles que tiveram acesso limitado à escolarização ou que têm um domínio limitado das habilidades de leitura e escrita”. O funcionamento social desenvolveu valores e formas de vida que vão contra as condições favoráveis à leitura, como a concentração ou a solidão.

Em geral, as crianças quando chegam à escola não estão acostumadas a fracassar. Aprender a ler e a escrever é, para muitas delas, a primeira experiência de que podem não alcançar as expectativas do que delas se espera. E, rapidamente, criam defesas para proteger sua autoestima (COLOMER, 2007, p. 103).

Um dos fatores do fracasso com a leitura é a dificuldade que o aluno traz consigo no seu desenvolvimento escolar. Muitos são automaticamente aprovados, para um novo ano de escolaridade sem ao menos possuir os requisitos necessários para a etapa na qual está cursando. Como consequência prosseguem, em seus anos de escolaridade, cheios de dúvidas e dificuldades.

Marra (2004, p. 56) afirma que “[...] antes de 80 prevaleciam indícios da concepção tradicional de ensino, cujos pressupostos de aprendizagem acreditavam que a letra com sangue entra”. Vivíamos nessa época uma escola que era extensão da disciplina rígida praticada no ambiente familiar, sobretudo sobre a proteção do patriarcalismo, até então, vigente no país e todo o tipo de violência praticado na escola contra os alunos era validado pela família, pois entendia-se que isso traria sucesso escolar ao filho. Sendo assim, a leitura envolvia esforço para dominar o código linguístico e para analisar

o seu significado. Durante esse período, nas escolas, ler não era uma atividade prazerosa, mas obrigatória.

Na atualidade, tem-se buscado uma leitura mais prazerosa, onde o leitor possa mergulhar no mundo literário e viajar em suas leituras. Porém, essa liberdade para com a leitura a colocou em posição secundária, ou seja, menos esforço, menos leitura (COLOMER, 2007).

Para Colomer (2007) compartilhar a leitura é algo essencial, mas os alunos necessitam de tempo na aula para praticar a leitura individual e rotinas cotidianas para que finalmente consigam trocar o controle remoto por leituras prazerosas. Essa é a função da escola, seduzir o leitor para que enfrente o esforço. E, finalmente, conseguir ler por prazer, compreendendo o que está escrito e não como algo obrigatório.

O Trabalho com a leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental I

Segundo Colomer (2007), os primeiros contatos que a criança tem com a leitura se produzem através de formas orais, mediante narrativas audiovisuais. E é através de distintos canais, como livros infantis e das atividades proporcionadas pelos adultos, que as crianças começam a fixar as bases de sua educação literária.

Os livros para crianças que ainda não sabem ler são uma realidade bem consolidada na atual produção de literatura infantil e, ao ampliar-se o sistema educativo para as primeiras idades, estes livros penetram nas creches e na fase pré-escolar (COLOMER, 2007, p. 52).

Em seus diversos materiais e formatos, o livro, especialmente, o livro-brinquedo, é um suporte que atrai a atenção das crianças pelo seu formato diferenciado, características ornamentais e apelos sensoriais. É um suporte de auxílio tanto para a família como para a escola, pois o gosto pela leitura deve ser incentivado desde bem cedo e várias estratégias devem ser utilizadas para que isso ocorra.

O período de iniciação escolar é fundamental na percepção que a criança irá ter ao longo de sua trajetória escolar pelos livros.

Um detalhe, afirma Kriegl (2002) é que ninguém se torna leitor por um ato de obediência, ninguém nasce gostando de leitura. A influência dos adultos como referência é bastante importante na medida em que são vistos lendo ou escrevendo.

Para Bamberger (1987), o desenvolvimento de interesses e hábitos de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida afora. Nos primeiros anos de escolarização o aluno precisa ser incentivado e instigado a ler, de modo que se torne um leitor autônomo e criativo.

Corroborando tais ideias, Barbosa (2008, p. 136-137) destaca que:

O adulto mediador da leitura é intérprete de um mundo repleto de aventuras que permitem à criança alargar as fronteiras do seu próprio mundo. Com o apoio do adulto, ela descobre que a leitura lhe permite viver experiências pouco comuns no seu cotidiano; a trama do texto permite-lhe experimentar sentimentos de alegria, tristeza, medo, angústia, encantamento. Com essas leituras, a criança já começa a conceber o livro como uma possibilidade de trocas interpessoais. Ao chegar à escola, essa criança já tem despertado o desejo de ler, que é o suporte básico do aprender a ler: previamente à entrada no ambiente escolar, socialmente, a necessidade de ler e uma concepção sobre a leitura foram constituídas.

A importância da leitura feita por outros contribui para a familiarização da criança com a estrutura do texto, além de abrir um leque de informações e aprendizagem. A criança que inicia desde cedo o contato com os livros percebe que o escrito diz coisas e que pode ser divertido e agradável conhecê-las. E, finalmente, quando chega à escola e se depara com a linguagem escrita percebe, então, que está diante de algo conhecido, sobre o que já aprendeu várias coisas.

Solé (1998) argumenta que nenhuma tarefa de leitura deveria ser iniciada sem que as meninas e meninos se encontrem motivados para ela, sem que esteja claro que lhe encontrem sentido. E para encontrar sentido, a criança tem de saber o que deve fazer - sentir que é capaz de fazê-lo e achar interessante o que se propõe que ela faça. Não é produtivo nem coerente o professor impor uma atividade aos alunos que não faça sentido. Para obter êxito e alcançar o objetivo que se propõe, cabe ao professor, antes de iniciar qualquer atividade motivar seus alunos, tornando a atividade prazerosa e instigante, principalmente, a que se refere à leitura. Nenhum aluno desmotivado vai ter prazer em ler nem viajar na leitura.

Cramer e Castle (2001, p. 86), acrescentam que:

Os professores devem criar dentro de cada sala de aula uma atmosfera positiva, uma forma de vida que conduza o aluno ao encontro da leitura através do afeto positivo. Os professores positivos são realistas, mas sempre procuram o melhor de seus alunos. Esses profissionais são professores competentes, em constante luta para aprimorar suas habilidades. Eles percebem que afeto positivo, juntamente com um alto nível de capacidade de ensino, promove o máximo desempenho de seus alunos.

Preparar para aprender a ler significa despertar o desejo, a vontade de ler. Por isso, cabe aos educadores, tornarem o lugar de aprendizagem (sala de aula), num lugar de descobertas onde se estimula o interesse e a capacidade do aluno.

Colomer (2007) destaca que houve um tempo em que tudo parecia muito simples, pois as crianças já cresciam com os livros. Mães, famílias, círculo social

em que viviam não se compreenderiam sem referências aos livros. Na escola elas aprendiam o código, ganhavam velocidade e liam com fluência. E devido a esse fator, durante décadas ninguém pensou em procurar novas fórmulas para apresentar a essas “novas” crianças os livros.

No entanto, na atualidade a preocupação está em criar situações para despertar nas crianças o desejo pela leitura, pois os livros já estão em sala de aula. O desafio maior é convencer as crianças a lê-los. E com essa intenção, nos últimos anos, multiplicaram-se campanhas, concursos, jogos e visitas de autores. E uma das novidades é que as campanhas públicas não se detêm a doação de livros, mas incluem programas diversificados de dinamização da leitura. Há uma preocupação com a capacitação dos professores, ou seja, o aprimoramento de sua formação leitora. É necessário que ocorra o compartilhamento educando/educador, pois a leitura compartilhada é à base da formação de leitores (COLOMER, 2007).

Corroborando tais ideias, assim acrescenta Silva (1998, p. 52):

A compreensão crítica das diferenças socioeconômicas e culturais entre as famílias de onde se originam as crianças deve enriquecer o planejamento do ensino e não, como, usualmente, ocorre ser tomada como uma dificuldade intransponível. Deve, ainda, servir como orientação básica ao estabelecimento de propósitos para a ação pedagógica, que, no fundo e em essência, é sempre política. Do contrário, a continuar essa noção distorcida de que a leitura depende do berço, à escola caberá atender as crianças de lares abastados.

Considerando que os lares brasileiros não são materialmente semelhantes e, portanto, que as crianças não têm as mesmas oportunidades de educação familiar, não podemos como educadores, repassar às famílias uma função que elas não têm condições concretas de exercer. Torna-se necessário repensar as práticas docentes, pois muitas leituras sugeridas pelos professores são, quase sempre, típicas de uma classe social, afastando as crianças (das classes populares) dos referenciais dos textos propostos.

E ressaltando essa informação está o chamado “efeito Mateus”, denominado assim em honra ao evangelista Mateus, que foi o primeiro a assinalar a existência de fenômenos de repercussão ao mesmo tempo dupla e contraposta que conduzem a que ricos sejam mais ricos e pobres cada vez mais pobres.

[...] trata-se da comprovação de que os meninos e as meninas de contextos culturalmente ricos se beneficiam das práticas de leitura compartilhada antes de “saber ler”, o que lhes permite extrair maior rendimento escolar dessas mesmas práticas na escola; enquanto que as crianças que delas carecem têm mais dificuldades para levá-las a cabo e, além disso, não se beneficiam tanto da escolarização. O “efeito Mateus” rege, por exemplo, a aquisição de vocabulário: ler leva a aprender novas palavras, o que facilita a leitura

posterior de outros textos, de modo que a distância entre leitores e não leitores não param de crescer à medida que as crianças crescem (COLOMER, 2007, p. 106-107).

Compreendendo a veracidade desta afirmação, a escola tem o fundamental papel de intervir nessa triste estatística. Pois embora crianças de famílias de padrões mais elevados tenham a maior chance de sucesso e vasto conhecimento, não significa que as outras crianças que possuem grandes dificuldades socioculturais não conseguirão superar e elevar seu patamar. Cabe a escola, portanto, desempenhar de forma brilhante o papel de facilitadora dessa aprendizagem.

Segundo Rojo (2002), a escola parece ter estacionado o ensino da leitura sob os parâmetros da 2ª metade do século passado, tal que nos dias atuais, é notada a valorização ainda da decodificação, realizada por meio de textos chatos e empobrecidos, fora de contexto, que não contribuem para a formação de um cidadão letrado, e tão pouco, para que os alunos adquiram prazer pelo ato de ler:

Se perguntarmos a nossos alunos o que é ler na escola, possivelmente estes dirão que é ler em voz alta, sozinho ou em jogral (para avaliação de fluência entendida como compreensão) e, em seguida, responder um questionário onde se deve localizar e copiar informações do texto (para avaliação e compreensão). Ou seja, somente poucas e as mais básicas das capacidades leitoras têm sido ensinadas, avaliadas e cobradas pela escola. Todas as outras têm sido ignoradas (ROJO, 2002, p. 4).

É essa definição de leitura que muitas escolas têm inculcido em seus alunos, uma atividade chata que se é necessário fazer para ser avaliado. O amor, o gosto e o prazer de ler vêm-se perdendo no decorrer dos tempos.

Cosson e Paulino (2009, p. 73), enfatizando o verdadeiro sentido da leitura nas escolas destaca que:

As crianças parecem ser mais felizes no processamento escolar e familiar em sua relação com a literatura, quando nem sabem o que é isso e apenas se entregam aos prazeres rítmicos de poemas, aos suspenses de tramas às vezes milenares que lhes chegam, sem cobranças, e à invenção de palavras que misturam sons e sentidos mal compreendidos, sem “atividades” pedagógicas, na educação infantil.

Leitura realizada por prazer é o que a escola precisa desenvolver nos alunos, deixando de lado o caráter obrigatório, como provas de livros, seminários de literatura, normalmente debates sem forma e sem objetivos claros. O gosto pela leitura precisa ser iniciado bem cedo, ainda na Educação Infantil.

A fim de favorecer o aprendizado da leitura, cabe à escola disponibilizar espaços, tempos e oportunidades para que o mesmo se efetive. Deve oferecer bibliotecas com acervo literário incentivador, banco de textos, sala de leitura e pelo menos uma biblioteca em sala de aula.

De acordo com Silva (1998), os professores do

Ensino Fundamental têm uma séria responsabilidade e um gostoso privilégio de incentivar o gosto pela leitura através da leitura em voz alta para as crianças. Pois através deste ato cria nas crianças consciência dos aspectos da expressão escrita e menor relutância para se auto exprimirem.

O professor precisa mostrar que é um amante da leitura, a fim de formar nos alunos um desejo de conhecer e se apaixonar pelo ato de ler. Para que isso ocorra, ele precisa criar um ambiente favorável, reservar um momento para a mesma e apresentar aos alunos uma variedade de histórias e gêneros literários.

Silva (1998, p. 102) afirma que é importante:

Apresentar aos estudantes das séries iniciais muitos, muitos livros e textos que eles possam ler e compreender. Livros didáticos, paradidáticos, literários, revistas, jornais... da escola, de sua biblioteca pessoal, da biblioteca pública etc...podem compor um acervo de classe, que seja de fácil acesso e manuseio pelas crianças.

É imprescindível que a escola prepare um ambiente favorável ao estímulo à leitura, um local bem arejado, atraente e com uma gama de material que esteja disponível aos alunos e que seja renovado constantemente.

Silva (1998) defende ainda, que depois que as crianças das séries iniciais ganharem competência e fluência em leitura, o grau de participação nas atividades deve ir aumentando cada vez mais. Mais desafios devem ser propostos a fim de fortalecer o gosto pela leitura, como leitura em voz alta, dramatizações e jograis.

A iniciativa e o fazer das crianças devem ser acentuados, individualmente ou em situações de grupo. A leitura espontânea, pessoal e selecionada pela criança é de fundamental importância para a formação do hábito. A troca de livros entre alunos e professores, ou seja, o circuito do livro é outra proposta válida no desenvolvimento da leitura (SILVA, 1998).

O Papel da Escola na Formação de Leitores Críticos

O objetivo principal da educação é proporcionar aos jovens a construção de sua própria identidade, desenvolvendo, assim, uma concepção da realidade.

Lomas (2001) argumenta que é cada vez mais urgente contribuir, a partir da educação, com a aquisição de competências que integre conhecimentos, habilidades e atitudes estimulando uma interpretação crítica das mensagens.

Porque educar é mais do que instruir as pessoas no conhecimento - com frequência efêmero - dos conceitos das áreas tradicionais do saber acadêmico. Para além de seu inegável valor de troca no mercado acadêmico, a aprendizagem escolar também deve ter um valor de uso,

como ferramenta de interpretação e de transformação do mundo; por isso, as salas de aula não devem ser apenas o âmbito por excelência da transmissão do conhecimento escolar, mas também um cenário de aprendizagem em que a vida entre e seja “lida” de forma crítica e onde se ensine alunos e alunas a indagarem sobre o óbvio com um olhar diferente, que ilumine uma realidade até então opaca e inacessível (LOMAS, 2001, p.152).

Esta é a tarefa da escola na atualidade, formar cidadãos críticos, que sejam capazes de fazer leituras críticas da realidade. Hoje as mensagens dos meios de comunicação divulgam o tempo todo conhecimentos, crenças, estilo de vida, ideias, fatos, normas e valores cujos efeitos são vistos claramente na vida de cada pessoa.

Considerações Finais

Após a realização desta pesquisa, pode-se constatar que o trabalho de leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental pode contribuir para o domínio da competência leitora, para a formação crítica e cidadã dos alunos. É essencial que esta seja estimulada logo nos primeiros anos da escola, de maneira a tornar o aluno capaz de compreender o que lê e de associar esse estudo ao prazer. Verifica-se que a leitura, quando estimulada e evidenciada desde o primeiro ano escolar, fortalece a formação do sujeito tornando-o apto a atuar em seu meio social, favorecendo plenamente, o desenvolvimento integral do educando.

Para que essa prática seja eficaz, é indispensável que os professores busquem trabalhar com os vários gêneros textuais contextualizados em substituição à aquela leitura arcaica, realizada acerca de fragmentos, que tem como simples objetivo, analisar se os alunos já conseguem decodificar as letras em sons e que nada contribuem para a sua formação enquanto indivíduos letrados.

Não podemos deixar de referendar, que devemos desde a Educação Infantil incentivar o prazer pela leitura, devendo esse ser um trabalho contínuo a ser realizado em conjunto com a família e a escola ao longo da vida escolar do aluno.

Notas

1. O *volumen* era um rolo de papiro onde o texto era escrito em estreitas colunas.
2. CHARTIER, R. Por uma Sociologia Histórica das Práticas Culturais. In: **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Lisboa: DIFEL. 1985. p.13-28

Referências

AGUIAR, Vera. **Ler é pra cima!** Porto Alegre: Projeto, 2007.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2006.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**: Língua Portuguesa – Volume 2, Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. Introdução. In: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. vol. 1. São Paulo: Ática, 1998.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a literatura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

CHARTIER, Roger. **A ordem do livro: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

COSSON, Rildo; PAULINO, Graça. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia M. K. (Orgs.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

CRAMER, E. H. , CASTLE, M. **Incentivando o amor pela leitura**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2001.

DWYER, Edward J. , DWYER, Evelyn E. Como as atitudes do professor influenciam o progresso da leitura. In: CRAMER, Eugene H; CASTLE, Marrietta. (Orgs.). **Incentivando o amor pela leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

KRIEGL, Maria de Lourdes de Souza. **Leitura: um desafio sempre atual**. Revista PEC, Curitiba. 2002.

LAJOLO, Marisa. Tecendo a leitura. **Leitura: Teoria e Prática**. Campinas, Ano 3, n.º 3, p. 3-6, jul. 1984.

LOMAS, Carlos. Alfabetização midiática e educação crítica: A mídia e a construção social do conhecimento In: PÉREZ, Francisco Carvajal GARCÍA, Joaquín Ramos. (Orgs.) **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

MARIA, Luzia de. **Leitura & colheita: livros, leitura e formação de leitores**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MARRA, Célia Auxiliadora dos Santos. **Violência escolar: um estudo de caso sobre a percepção dos atores escolares a respeito dos fenômenos de violência explícita e sua repercussão no cotidiano da escola**. 2004. 236 f.. Dissertação (Mestrado em Educação) -Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC), Belo Horizonte, 2004.

OLIVEIRA, Cláudio Henrique. QUEIROZ, Cristina Maria de. **Leitura em sala de aula: a formação de leitores proficientes**. RN, 2009.

RIBEIRO, V. M. (Org.) **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.

ROJO, Roxane . **Letramento e capacidade de leitura para a cidadania**. São Paulo: LAEL/PUC, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

YUNES, Eliana. Pelo avesso: a leitura e o leitor. In: **Revista de Letras**, Curitiba, nº 44, p. 185-196, 1995.

ZILBERMAN, R. **Literatura infantil: livro, leitura, leitor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia M. K. (Orgs.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.